

Leonardo de Sousa Oliveira Tavares

Mistério e transcendência: sobre a descrição fenomenológica de um conceito-limite

RESUMO: Nosso ensaio visa descrever como o mistério é decisivo para a instauração do real, na medida em que, através dele, nós temos a possibilidade de conceber o mundo em que vivemos por intermédio da simbolização. Como que em uma mescla de palavras e silêncio, o símbolo aqui se apresenta no cerne da cultura e acena para o mistério que se afigura na penumbra do mundo. Segundo alguns elementos da filosofia transcendental da cultura, o mistério concebido pelas vias da religião, filosofia e ciência, no contexto efetivo da vida, surge em uma diversidade de imagens que sustenta essa proveniência humana dos símbolos. Deste movimento, concluímos que o símbolo é a unidade mínima para evidenciação da existência humana, enquanto transcendência simbólica do mistério ao ente dado no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia; Husserl; Mistério; Espírito; Religião.

Mystery and transcendence: on the phenomenological description of a concept-limit

ABSTRACT: Our essay aims to describe how the mystery is decisive for the establishment of the real, since, through it, we have the possibility to conceive the world in which we live in through symbolization. The symbol here is at the core of the culture and beckons to the mystery that appears in the gloom of the world, as if in a mixture of words and silence. According to elements of transcendental philosophy of culture, the mystery conceived by means of religion, philosophy and science, in the effective context of life, appears in a diversity of images that support this human provenance of symbols. From this movement, we conclude that the symbol is the minimal unit for evidencing human existence, as a symbolic transcendence of the mystery to the being in the world.

KEYWORDS: Phenomenology; Husserl; Mystery; Spirit; Religion.

Artículo [PT] | ISSN: 2386-3994 | Recibido: 28-febrero-2021 | Aceptado: 30-septiembre-2021.

Introdução

► **Leonardo de Sousa Oliveira Tavares**, doutorando em filosofia, Universidade de Coimbra, Portugal. **Autor de correspondência:** (✉) lsotavares@outlook.com — [iD https://orcid.org/0000-0003-0226-9751](https://orcid.org/0000-0003-0226-9751).

Em verdade, não existem meios de atingir um real despido do simbólico. O estático é concebido pelo que se pode dizer de sua estaticidade e até mesmo o que está em movimento, seja ele dotado da aceleração digna dos projéteis ou da sutileza do movimento do pensamento, só é enquanto pode ser predado pelas palavras e intuições. A ação está sempre envolvida por um simbolismo e o que está para além de suas margens, capazes de ultrapassar esse enxame de imagens, simplesmente, não é. Sem a arquetipia para determinar que as coisas são, as coisas seriam como se não fossem. Na ausência da subjetividade humana, a objetividade do mundo seria insignificante. Isso, se não nos arriscarmos em afirmar que a própria objetividade não seria, caso estivesse cindida a relação intencional da consciência.¹

Nós não seríamos os seres que somos apartados da linguagem, pois nós somos o que falamos, o que pensamos (através de uma linguagem silenciosa) e o que podemos relatar que fizemos, ou ainda, o que deixamos de relatar. Cotidianamente, não cansamos de afirmar que vivemos através das palavras lançadas no mundo e conservadas na matéria do pensamento. Pois todo o universo humano da cultura é plasmado no cultivo simbólico e todas as coisas que observamos e as situações que vivenciamos são vistas através desse véu simbolizante, que exhibe o que deve ser visto e oculta o que não pode ser notado. De certo modo, nossa realidade se restringe a esse véu e esse véu é toda a realidade que nos é acessível. As experiências vividas, nossas concepções pessoais e toda a formulação da personalidade são gestadas a partir da familiaridade que o ser humano estabelece com o mundo, segundo suas idiossincrasias – as características do corpo, através do qual se relaciona com o entorno, o atendimento de uma vocação que refina determinadas habilidades e emoldura sua visão de mundo, dentro outras peculiaridades humanas – todos aspectos afigurados através da encarnação simbólica.²

¹ É importante lembrar que a intersubjetividade garante o duplo status da subjetividade humana, em seu caráter dual de sujeito individual no mundo e objeto do mundo (Husserl, 1999, p. 182-185). A consciência instaura o real, na medida em que ela é a fonte da subjetividade transcendental.

² O mundo da vida é o horizonte pré-científico que estrutura o fluxo simbólico em relação ao mistério (Husserl, 1999, p.158-159). A sensação do misterioso é vivida nas sedimentações simbólicas do mundo da vida, em uma aproximação vaga da teoria transcendental de Cassirer

No mais, o que não pode ser percebido é como se não fosse e escapa de nosso domínio, isto é, do domínio do simbolizado, ou, talvez possamos dizer, da grande linguagem, do verbo vivido. A literatura é uma forma de expressão e constituição do mundo, é uma das espécies de voz e a ação do mundo, posto que a simbólica é a trama do próprio mundo. A realidade acessada pelo homem, o que denominamos «a realidade em si», só pode vir a se descortinar para a nossa entrada a partir do culto do imaginar e do falar, pois, antes, na esfera do que não pode ser simbolizado e dito, não há do que se lembrar, aprender ou saber. Só nos deparamos aqui, em meio às coisas, através do cultivo do símbolo, a partir da explicitação da imagem, do ato de nomear, descrever e se referir. Apesar da crise moderna da metafísica e de todos os olhares de suspeita direcionados a «ficção» do ser em si, a fragmentação dos grandes sistemas metafísicos multiplica as teorias sobre o ser e seus vários sentidos, na intensificação do fluxo da simbolização que atravessa a mundanidade.³

No princípio era o símbolo

Não há fatos que não sejam simbólicos, considerado que os fatos são provenientes de uma visada imagética do mundo. Como é dito oportunamente, embora que de modo temerário: «os fatos não são nada mais que histórias.»⁴ Da profundidade silenciosa, nós só podemos captar o que vem à tona a partir das inter-relações de imagens condensadas em símbolos. As diversas formas de captar o que vem dessa profundidade abissal são geradoras, sob uma diversidade simbólica que fomenta a liberdade. A linguagem viva por si é transparente em sua equivocidade, ela diz ao passo que silencia e expõe o fato do mundo como história do mundo, na ausência recente do mundo simbolizado; seja em conto, ensaio filosófico, romance, ou tratado científico. Do método de construção de uma ponte à prosa mais ingênua, a linguagem altera o mundo através de processos lentos e acelerados, os símbolos transformam o mundo sem tirar um grão de poeira de seu devido lugar. A potência da simbolização constitui e

³ A matematização da natureza, a crise da metafísica cristã e a secularização do mundo da vida toma de assalto todos os grandes símbolos motivadores dos conceitos metafísicos antigos e medievais, Cf. HUSSERL, Edmund. (1999). *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die Transzendente Phänomenologie*. Darmstadt: Wiss Buchges, pp. 1-81. Outras trajetórias metafísicas são criadas, contemporaneamente, no contexto dessa crise.

⁴ Adaptação da epígrafe de *Viva o povo brasileiro*, obra-prima de João Ubaldo Ribeiro.

sustenta a densidade do mundo e a existência é, desde sua mais arcaica presença, uma formação simbólica.

O silêncio que é limite e fim da existência humana vem a ser por intermédio de experiências peculiares que brotam da consciência da morte, da percepção da ausência, do reconhecimento da finitude e de tantos outros fatores determinantes para o desenvolvimento da cultura que tomam forma nas religiões, ciências e artes. Seu modo maciço de aparição é a linguagem e seu modo mais sutil de surgimento é o próprio silêncio. Há algo de sublime na compreensão que não pode ser verbalizada, na vivência que não pode ser descrita e o silêncio é o gesto marcante de tal voo do espírito.⁵ Se nós atentarmos bem, no ventre dos símbolos, encontramos um vazio prenhe de silêncio. Embora no envoltório simbólico haja um objeto concreto, um ser tangível, no seu cerne há um nada que dá mostra da dimensão ilimitada de possibilidades que o homem, ente finito de possibilidades finitas, não pode englobar. Lá, onde os conceitos surgem, os símbolos demarcam a fronteira entre a linguagem e o silêncio originário, a experiência radical de dissolução dos limites imaginários das esferas objetiva e subjetiva.⁶

Contudo, o nada que aflora através dos símbolos, em geral, entra em cena como fluxo criativo do ser, o que assegura o fluxo do que é enquanto constância do vir a ser. E materializa no mundo uma variedade de seres intelectuais e imaginários que não existiriam sem sua natureza, digamos, negativa, por falta de uma palavra melhor. De tal modo, notamos como o sangue pode simbolizar a fertilidade do corpo feminino, ou a derrota e a morte de um corpo masculino; ou ainda a escuridão pode representar a face demoníaca que deve ser subjugada pela espiritualidade europeia, ou a abundância aprazível do delta do Nilo, na cultura egípcia. O símbolo, na sua imaterialidade imagética, arrebanha uma série de significados que nunca, no mundo concreto, se aproximariam. A delicada trama simbólica formulada, geração após geração, articula os sentidos do espírito. No princípio, os símbolos eram registrados nas paredes das cavernas, nos papiros,

⁵ O inexprimível, o silêncio que assegura a intangibilidade do mistério, é concebido por Otto (2017, pp. 97-99) como o irracional (*Irrational*).

⁶ Tal fonte da vivência, a limitação intransponível do mundo da vida, pode ser interpretada, de acordo com os termos de Lima Vaz (2015, pp. 36-37) sobre a mística platônica, como o conhecimento suprarracional do mistério, em um horizonte que ultrapassa todas as especulações da razão, no mistério absoluto.

pergaminhos e, aos poucos, o ser humano concebeu o mundo ao nomeá-lo, ao lançar mão de explicações e teorizações criadoras da mundanidade, sob o amparo de diversas simbolizações.

O domínio simbólico

A humanidade criou o Totem, animal sagrado que está no princípio de sua ascendência. Criou deuses da tribo, ancestrais divinos, deuses para as técnicas, para as artes e para os fenômenos naturais; insatisfeita, criou um deus único e ilimitado. Criou o incriado, o intangível, o inominável e, ainda assim, não se deteve por ser incapaz de visar o que se estende para além de seu domínio limitado. Analogamente, esse domínio poderia ser equiparado a um pequeno feudo, na medida em que conceitos são portadores de significações precisas, determinadas, eles são internos a esse sistema social, são como os servos que transitam no interior e nos arredores da cidadela. Ao passo que os símbolos trazem consigo significações múltiplas e caleidoscópicas, dizem em uma linguagem minimamente compreensível o que se passa além dos bosques e das estradas conhecidas, eles são algo como viajantes, caçadores de tesouros e feiticeiros.

Eventualmente, o símbolo é domesticado e tornado conceito. Ele é fixado em um de seus aspectos e pode vir a se tornar um termo técnico. Seguindo com nossa analogia, de modo semelhante a um viajante que pode vir a ser admitido como servo por um senhor feudal. De modo análogo, os mistérios iniciáticos da antiguidade deram lugar às religiões de teologia apurada e precisão significativa. Os símbolos são amplos e os conceitos são restritos, os símbolos são cíclicos e eternos e os conceitos são lineares e momentâneos.⁷ Os símbolos se presentificam constantemente e os conceitos se fracionam em definições circunstanciais, na sua compreensão e funcionalidade. Os conceitos precisam reconhecer sua proveniência simbólica, da mesma maneira que a palavra reconhece sua origem no silêncio fecundo, pois o conceito tem a pretensão de ser uma fala dotada de significado preciso, enquanto o símbolo resulta de um entrecruzamento de significados que esperam ser elucidados nos seus mais diversos tipos de articulação.

⁷ O rito é uma forma de reviver o potencial simbólico de um gesto, Ries (2020, p. 281) nos apresenta como esse ato fundamental está na fundação não só da religião, mas também da natureza, da sociedade e da cultura em geral.

A explicitação simbólica é exuberante de tal modo que as variadas interpretações de seus sentidos não cessam de fazer jorrar afluentes semânticos em uma profusão quase inesgotável de possibilidades. No entanto, o símbolo não porta as mesmas possibilidades que o silêncio, posto que no seu ventre há só um furo que nós poderíamos chamar aqui, apressadamente, de portal para o silêncio insondável, o numinoso. Ora, esse silêncio circunspecto ainda é minimamente tangível pelo fato dele vir ao mundo através da linguagem e, por isso, difere do silêncio em seus atributos mais profundos, graves e misteriosos.

Todavia, havemos de convir que as águas da superfície do oceano não se distinguem radicalmente das águas abissais e, nutridos por essa certeza, podemos afirmar que o caminho acessível ao ser humano até o mais profundo mistério é ladeado por símbolos.⁸ Símbolos que levam a outros símbolos e símbolos que se referem a coisas e não-coisas. Essas vias se afiguram não só na vida religiosa, mas também na vida comum que se apoia em vários símbolos sustentados por uma experiência imaginária impossível para qualquer outra espécie de ser vivo. Ora, perceba o dinheiro, um pedaço de papel que pode representar a aquisição de uma série de bens e serviços. O papel-moeda, símbolo consolidado da estabilidade material, fez muitas cabeças rolaem nas antigas dinastias chinesas para conquistar sua credibilidade inabalável e conquistar, contemporaneamente, uma multidão que dedica sua vida ao acúmulo virtual desses papéis.

Não pode escapar ao olhar atento que, por trás dessa teia de valores globais consolidada por um banco mundial, está a mais pujante religião da humanidade: o capitalismo. Uma religião que exige sacrifícios humanos e oculta a beleza e o valor das coisas comuns. No cerne do símbolo monetário, o observador vê o vazio de esperanças e, com sorte, pode observar as sociedades do porvir em um instante, mesmo que de soslaio, no breve momento em que o mistério vem à tona e volta a se dissipar, ao retornar às profundezas insondáveis do mistério intangível, absoluto e repleto de possibilidades sequer suspeitadas pela humanidade. Nas profundezas desse mar primordial, há uma infinidade incompreendida que é posta, imaginariamente, nas mãos dos símbolos que, feitas em concha, são incapazes de deter por muito tempo sua natureza caudalosa.

Aceno ao mistério

⁸ Nesse ponto, aparentemente, diferimos de Otto (2017, pp. 48-49), por sustentarmos uma continuidade e não uma ruptura entre a nulidade humana e a presença majestática do numinoso.

No interior de uma atmosfera desconhecida, a humanidade se agarra aos símbolos como um naufrago que abraça a sua tábua. A cultura humana é antes a arte de lavrar os campos do ser com um arado que cria sulcos de indeterminação, portanto, de um espírito de liberdade.⁹ O cultivo dos símbolos, conceitos e valores é nutrido por raízes imaginárias que penetram, através do ser, o misterioso domínio úmido e obscuro do nada. Por esse motivo, o símbolo que designa algo através da materialidade de uma imagem cravada na pedra e na figura pintada em um pedaço de couro traz em seu seio o que silencia, o que transborda através da possibilidade e, de forma mais íntima, expressa, contraditoriamente, o mistério.

No interior da linguagem, o silêncio se instala como meio de abarcar o momento precedente à nomeação, o que não foi completamente elucidado pela fala, mas ainda assim se delinea em sua penumbra. Como a linguagem se utiliza dos próprios meios linguísticos para elucidar seus limites, podemos notar como, verbalmente, há a criação de túneis de realidade que são perfurados até o mistério. O que chamamos de realidade é a superfície sobre as profundezas misteriosas de uma constituição que é em sua maior parte insondável. A própria linguagem nada mais é do que a soleira ou, no máximo, a porta de entrada para essa experiência silenciosa do mistério que pode, até certo ponto, ser vivido.¹⁰

Em outras palavras, o símbolo que está no cerne da cultura traça caminhos bem sinalizados, mas que se bifurcam infinitamente na diversidade das civilizações. A vida cultural vista como mescla de silêncio e linguagem se dá nos sistemas simbólicos que, em sua dinâmica, criam modos de vida, conferem sentido ao ser e dizem o que podem na linguagem dos símbolos que torna palatável o indecifrável mistério da existência. O nascimento, a reprodução e a morte são temas constantes nesse drama universal encenado por deuses, heróis e mortais. Os símbolos criam laços entre o que é dito pela presença dos seres finitos e o que é silenciado pelas divindades ausentes. Na imanência da instância mais profana, o símbolo sacraliza o banal. No passado mítico, os homens

⁹ O cultivo do mundo da vida está inserido em uma jornada da humanidade que se autoaperfeiçoa, segundo as Ciências do Espírito (Husserl 1999, p. 250). O existente (*Seiende*) precisa dar-se em um movimento infinito do espírito.

¹⁰ A experiência exclusivamente religiosa citada por Otto (2017, p. 35), que não precisa se dar em um templo, ou de acordo com a especificidade de uma doutrina.

desobedientes foram castigados pelo Deus dos deuses, no momento presente, os detentores dos símbolos criam seus próprios deuses.

Conclusão

No centro imaginário do símbolo, na fresta que o liga ao silêncio, nós podemos acompanhar um veio condutor capaz de trazer à tona, mesmo que com dificuldade, um profundo mistério. Ele esbarra em significados possíveis, mas tem em si a chance de se dissolver em uma série corrosiva de possibilidades que modifica a superfície do mundo. Após o frescor inicial, no momento seguinte, o mistério indizível é mutilado em conceitos e é concretizada a transfiguração do místico em teólogo. A história segue por outro rumo e a humanidade passa por mais algumas revoluções. Essa possibilidade de tornar o mistério acessível ao homem é o que faz do símbolo um meio capaz de sofisticar o humano, transformando-o em um ser capaz de perceber o que ignora por notar a ausência do conhecimento, um ente que sente saudade por reconhecer a falta de uma determinada presença, e assim cria um animal mais suscetível ao refinamento, ao exercício de buscar o aperfeiçoamento, mesmo que quase nunca pelas motivações mais louváveis.

Profundamente, todo símbolo é um aceno ao mistério encarnado, é resultado do esforço que há em materializar o espiritual, o empreendimento infinito de dar corpo ao que é, naturalmente, incorpóreo.¹¹ O homem que é um animal simbólico também é um animal de projeto, um ente que se lança com a força propulsora do símbolo em direção ao simbolizado, que usa o símbolo como ferramenta, ponte, morada, fonte e útero. O humano é uma trama simbólica, ao passo que é um tecelão de símbolos renovados. Na medida em que contempla o mistério emoldurado nos símbolos, a vida pulsa em seu âmago. Seu instinto criativo é incitado por uma afinidade com o horizonte misterioso que jamais será alcançado por suas caminhadas, mas continuará animando sua peregrinação.

Agradecimentos

¹¹ Sobre a intimidade entre a espiritualidade e o mistério, diz Mondoni: «O termo «espiritualidade» se refere às diferentes maneiras mediante as quais o ser humano experimenta a transcendência (o mistério que envolve a vida humana), ao modo como a vida é concebida e vivida em referência ao transcendente, a um caminho para chegar a Deus caracterizado por uma visão de mundo, um modo de viver e uma maneira de orar» (2014, p. 11).

Este ensaio foi apresentado, pela primeira vez, no Seminário de Metafísica II promovido pelo doutorado em filosofia da UFRN e ministrado pelo prof. Dr. Eduardo Aníbal Pellejero. Meses depois, foi beneficiado com a orientação do prof. Dr. Diogo Ferrer (Universidade de Coimbra) e a leitura amigável do prof. Dr. Abrahão Costa Andrade (UFPB), professores dedicados sem os quais o texto não teria uma conclusão satisfatória.

Conflito de interesses: O autor declara não haver um possível conflito de interesses. **Aprovação de comitê de ética e consentimento informado:** Não é aplicável a este estudo: o autor não realizou estudos em animais ou humanos. **Contribuição de cada autor:** L.O.T. confirma ter concebido e escrito integralmente o artigo em questão, tendo aprovado a versão final para publicação. **Contacto:** (✉) Isotavares@outlook.com.

Referências

- Cassirer, Ernst. (2012). *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Husserl, Edmund (1999). *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die Transzendente Phänomenologie*. Darmstadt: Wiss Buchges [Trad. Port.: *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Trad. Diogo Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012]. doi: 10.28937/978-3-7873-2260-2
- Mondoni, Danilo (2014). *História e teologia da espiritualidade*. São Paulo: Edições Loyola.
- Otto, Rudolf (2017). *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Traduzido por Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes.
- Ribeiro, João Ubaldo. (2014). *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Ries, Julien (2020). *Mito e rito: as constantes do sagrado*. Traduzido por Silvana Cobucci Leite. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Vaz, Henrique. (2015). *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Edições Loyola.

Informação sobre o autor

► **Leonardo de Sousa Oliveira Tavares** é professor de filosofia na ECIT-PA, onde é coordenador da área de ciências humanas do quadro efetivo do Governo do Estado da Paraíba, Brasil. Atualmente, é doutorando em Filosofia pela Universidade de Coimbra (Portugal), mestre, licenciado e bacharel também em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (Brasil). Sua pesquisa está centrada em um tópico entre a fenomenologia, filosofia da cultura e antropologia filosófica. É autor de *A farsa do ego: ontologia e historicidade em Sartre* (Editora Cajuína: São Paulo, 2018). **Contacto:** (✉) Isotavares@outlook.com – iD <https://orcid.org/0000-0003-0226-9751>.

Como citar este artigo

Tavares, Leonardo de S. O.. (2021). «Mistério e transcendência: sobre a descrição fenomenológica de um conceito-limite». *Analysis* 30, pp. 125–134.